

migos perigosos do Espiritismo, por isso que se dizem espíritas, escrevem e falam em nome da Doutrina e ardilosamente lhe vão minando os alicerces eternos: os Evangelhos e a mediunidade. Quem ainda tenha dúvidas a esse respeito examine a obra que eles já realizaram na França. Também no Brasil, se não houvessem encontrado Espíritos de pulso na direção da Casa de Ismael, eles teriam exterminado o movimento espírita, contra o qual não cessam de lutar. Nenhum mal temos a recear dos adversários honestos da Doutrina, dos que a combatem de viseira erguida; mas devemos estar prevenidos contra os que tentam de dentro minar-lhe os fundamentos.

VIII

OS DOCETAS, PRECURSORES DO
ESPIRITISMO

No primeiro século do Cristianismo surgiram os *docetas*. Eram pessoas instruídas, inteligentes, lógicas, que, notando muitos episódios da Vida de Jesus, tais como o nascimento sem a união dos sexos, alguns desaparecimentos inexplicáveis, o caminhar sobre as águas, a ressurreição, a penetração através da matéria em recinto herméticamente fechado, etc., fatos inexplicáveis para um corpo material como o do homem, chegaram ao seguinte dilema: 1.º) Jesus tinha um corpo igual aos nossos só na aparência, mas totalmente diferente, na realidade, porque o Senhor podia fazê-lo e desfazê-lo à vontade, "assumir a vida ou deixar a vida para retomá-la" (Jo. 10:17 e 18), como ele mesmo explicava essa faculdade; ou, 2.º) Negar todos aqueles fenômenos inexplicáveis.

Os fatos eram atestados por muitas testemunhas, em formas muito diferentes na linguagem, porém, concordes na essência; portanto, eram verdadeiros e não poderiam ser

negados. Não ficava senão a primeira alternativa: Proclamar que "a humanidade de Jesus era sómente aparente, mas não real".

Aceitaram a verdade incontestável e assim surgiram os *docetas*, cuja doutrina, o *Docetismo*, foi classificada pela Igreja como heresia e condenada a extermínio, mas a doutrina dos docetas não desapareceu de todo. Diz Larousse que não se sabe ao certo se o Docetismo chegou a ser uma verdadeira seita, ou se foi apenas uma convicção muito divulgada entre os cristãos de mais intelectualidade e cultura dos primeiros séculos. Vejamos definições mais breves desse movimento esmagado pelo Catolicismo romano.

A Encyclopédia Hoepli o define: "*Doceti, Setta di eretici che riducevano l'umanità di Cristo ad una pura apparenza.* (Docetas. Seita de heréticos que reduziam a humanidade de Cristo a uma pura aparência)".

O Dicionário de Laudelino Freire: "*Docetismo, s. m. Teologia.* Doutrina que afirmava que o corpo de Cristo só tinha aparência de realidade". (*)

O Larousse ocupa duas grandes colunas com o assunto e demonstra que só se conhece o Docetismo pelo que escreveram seus oposi-

(*) Para melhor conhecimento dessa doutrina, pedimos a atenção do leitor para o excelente estudo do nosso confrade Zéus Wantuil, impresso como apêndice deste opúsculo.

tores. Nenhum escrito dos seus partidários se salvou. A própria refutação, porém, deixa perceber que ele tinha partidários entre as pessoas mais instruídas e classificadas do seu tempo. O mesmo se daria com o Espiritismo se a Igreja ainda dispusesse dos recursos que teve nos primeiros séculos: Só o poderiam conhecer no futuro pelo que dizem no momento seus adversários e nada de honroso dizem eles da nossa Doutrina.

O fato de haver sido o Docetismo exterminado pela força nada significa contra ele, mas vale a seu favor e, realmente, notamos hoje, depois da obra de Roustaing, que aquela doutrina ou seita era eminentemente lógica e construtiva, pois que não descambava pelo despenhadeiro tenebroso das negações; era afirmativa, e explicava satisfatória e lógicamente todos os episódios da vida de Jesus que, sem o Docetismo, teriam de ser negados ou, como preferiu a Igreja, atribuídos ao milagre.

Deu-se com o Docetismo o mesmo que sucedeu à doutrina reencarnacionista, que foi aceita pelos primeiros Pais da Igreja, mas igualmente sufocada e condenada como heresia pela Igreja, apesar de lógica, moral e necessária a compreendermos a Justiça de Deus diante da diversidade dos destinos, das capacidades e inclinações dos homens. A Igreja decidia por maiorias e maioria quase sempre é sinônimo de estultícia

em tais assuntos que reclamam superioridade espiritual para julgamento. A opinião afirmativa de um sábio, que saiba uma coisa, vale mais do que a negação de milhões de pessoas que não saibam aquela mesma coisa. Houve um momento em que só um homem afirmava a existência da América e todo o resto da Humanidade a negava. O mesmo quanto ao movimento da Terra: só Galileu o afirmava e todos os outros homens de seu tempo negavam. Assim, com o fonógrafo, com todas as descobertas e todos os conhecimentos: a verdade não pode ser apurada por número de votantes.

O Docetismo e a Reencarnação eram a verdade conhecida e compreendida sómente pelas minorias pensantes. Ambas as doutrinas foram sufocadas pelas maiorias ignoras, mas conservaram sua vida latente para reaparecerem em tempo oportuno e reapareceram na França no século 19.

Longe estamos da unanimidade a favor de qualquer das duas verdades. Temos contra nós as imensas maiorias que não aceitam o Espiritismo e, dentro do próprio Espiritismo, ambas encontram oposição. A Escola Espírita anglo-saxônica nega a reencarnação e não estuda o Docetismo; este não tem unanimidade nem dentro da Escola Kardeciana, reencarnacionista. Mas a questão de número nada significa contra e, por vezes, vale a favor.

Ambos os princípios são defendidos por numerosos Espíritos superiores e por homens de grande valor moral e intelectual que os vão divulgando a pouco e pouco, num trabalho perseverante, firme. No Brasil a doutrina reencarnacionista já é aceita pela totalidade dos espíritas e a outra, a que poderíamos chamar Neodocetismo, vem sendo defendida há mais de 60 anos por homens da estatura de Raimundo Ewerton Quadros, Bittencourt Sampaio, Bezerro de Menezes, Antônio Luiz Sayão, Guillon Ribeiros, para só mencionar os já desencarnados e que são expressão nacional no movimento espirita. Tem a seu favor mensagens de grandes Espíritos, recebidas por todos os médiuns de mais reputação que já surgiram nestes 66 anos. Contra esse Neodocetismo só vimos uma única comunicação, encontrada nuns papéis deixados por uma pessoa falecida que supunha possuir mediunidade. Tais papéis foram reunidos e publicados anônimamente por um prefaciador que nos diz em seu prefácio (não somos nós que o dizemos) que em tais papéis reinava terrível confusão: *"Faltava-lhes a sequência lógica das ideias. Constituíam uma miscelânea ininteligível"*. E noutro lugar do prefácio diz: *"Com alguma tolerância e benevolência de nossa parte, nada menos de cinquenta mensagens foram eliminadas de um bloco de cento e tantas... Suprimimos, portanto, perto de quarenta por*

cento da safra que nos veio às mãos; e, mesmo entre as aproveitadas, reconhecemos haver algumas de escasso mérito...”

Não somos negadores, somos construtores. As palavras que acabamos de reproduzir são da pessoa que reuniu, classificou e publicou os papéis encontrados, e, dentre esses papéis, há uma comunicação (?) contra o Neodocetismo, a única que já tivemos ensejo de ler. O leitor julgue do valor desse documento em oposição a todos os outros que afirmam essa Doutrina; nós não o queremos julgar, porque seria enveredar pelo tenebroso despenhadeiro das negações e demolições, quando nossa tarefa é construir sómente, deixando que as coisas más desapareçam por si mesmas diante das boas que se construam.

Edifiquemos o bem, embora penosa e lentamente, para que o mal desapareça, mas deixemos a outros a tarefa de demolir. Destruir é fácil e rápido, mas nos põe em afinidade com as trevas e com a violência que conduzem fatalmente aos mais pavorosos abismos. O Espiritismo é Doutrina essencialmente construtiva e não demolidora e, por isso mesmo, é uma grande e poderosa força reformadora pelo método positivo. Efetivamente, as únicas demolições definitivas, para sempre, são as que resultam da construção de formas melhores que vão abolindo as antiquadas e más.

IX

O ABISMO DAS NEGAÇÕES

Cumpre-nos responder a duas objeções contrárias ao Neodocetismo. Resumindo longos escritos, poderemos reduzi-las a poucas palavras. A primeira é a seguinte: “*Não é possível aceitar como de inspiração divina tudo que está na Bíblia. Tanto no Novo quanto no Velho Testamento há erros humanos que não poderiam ser aceitos, porque até se contradizem. Igualmente nas comunicações de Espíritos há mistificações e temos que recusar tudo que achamos falso; portanto, não é verdade que recusando os ensinos recebidos por J. B. Roustaing, quanto à natureza do corpo de Jesus, estejamos minando todo o edifício Judaísmo-Cristianismo-Espiritismo, como afirmam os neodocetistas. Como nenhum espírita aceita tudo nas três Revelações, então, se aceita aquela tese dos neodocetistas, todos os espíritas estariam fazendo tal obra de demolição*”.

Não tem fundamento essa refutação, porque no caso do corpo de Jesus o ensino é eterno e se confirma em todos os tempos. Acha-se no Velho Testamento, é confirmado pelo Novo e vai sendo repetida a confirmação pelas comunicações de Espíritos superiores, através dos